

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

CIDADES

Carlos Fortuna

São profundos os efeitos da COVID-19 sobre as cidades. Paralisou a economia e a convivência social. Travou os transportes e ameaçou o emprego. Promoveu aprendizagens sem ambiente social. Interrompeu a música, apagou o cinema, matou a rua. Encheu os hospitais. O medo instalou-se e o cenário da morte urbana pressentiu-se.

As cidades não morrem facilmente. Apenas 42 cidades desapareceram do mapa desde o ano 1100 até hoje. Embora sejam formas vulneráveis de organização humana, as cidades têm sido capazes de enfrentar o seu próprio declínio. Seja o gerado por disputas de espaços urbanos, devastações bélicas, ou calamidades políticas, financeiras ou geográficas e ambientais, as cidades têm procurado soluções resilientes e sustentáveis. Sempre com enormes assimetrias e disparidades, visíveis nos *nortes* e nos *suis* globais. *Detroitismo* e *alepismo*, nas suas distintas escalas, são exemplos do esforço de regeneração urbana.

As cidades insistem em ser a base da sociedade moderna. Bastará isso para esperarmos uma regeneração pós-pandémica da cidade? Que outras linguagens terão de ser inventadas?

Na cidade, as pessoas estão juntas e, dizem as estimativas, dois terços da humanidade serão urbanos em 2050, com a marca indelével da tragédia demográfica das cidades pobres do Sul global. Só nas cidades há recursos para pensar as soluções para as crises que irão perfilar-se à nossa frente. Há outras linguagens políticas que terão de surgir no cadinho da inovação da cidade e da cultura urbana:

- A linguagem da *rua*, com quotidianidades de maior respeito intergeracional e fácil *com-vivência* com as diferenças;

- A linguagem da *mobilidade* de escala humana e dos espaços verdes, com mais ciclovias, mais espaços para caminhar e menor desperdício;
- A linguagem dos *transportes* coletivos, com um sistema público menos poluente, de proximidade e acessível;
- A linguagem dos *edifícios*, com novas cautelas ambientais e outros meios de segurança e de circulação interna;
- A linguagem do *trabalho e do emprego*, com maior autonomia e mais fácil adaptação a sistemas produtivos inovadores;
- A linguagem do *ensino* com mais informação e mais digitalidade ao lado das socialidades;
- A linguagem da *saúde cultural*, com consistência e abertura a grupos e lugares alternativos de criação;
- A linguagem dos *consumos* moderados, ambientalmente sustentáveis e socialmente responsáveis;
- A linguagem da *desconcentração espacial* dos equipamentos e recursos, com estruturas urbanas leves e funcionais.

A lógica perversa do *aceleracionismo* e da *instantaneidade* urbana tem de ser invertida para se ensaiarem novas linguagens vagarosas e coletivas de fazer e de estar nas cidades.

É preciso surpreender o futuro urbano como a COVID-19 surpreendeu as cidades e as fez inativas.

O exemplo de Rijeka é poderoso. De repente, a cidade viu arruinado o seu plano de Capital Europeia da Cultura 2020. Reinventou-se e está a oferecer linguagens culturais alternativas: *ballet* sem contacto físico, concertos em edifícios inacabados, conferências em velhos monumentos, teatro com distância física segura.

Outras cidades estão já a pôr em marcha os projetos pensados para 2030. O confronto com o coronavírus deve servir para forjar novas *urbanidades* e criar *outras* cidades, diferentes da conhecida “normalidade” urbana.